

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE015799

KARASTOJANOV, Andréa Mara Souto. Carta ao mestre. Correio
Popular, Campinas,.21 jun.. 2000.

Carta ao Mestre

Prezado Professor Lapa, incumbiram-me de uma tarefa prazerosa e difícil ao mesmo tempo: escrever um artigo sobre o senhor. Difícil porque como posso escrever sobre alguém que me é tão caro? Quando se fala de alguém que se admira, normalmente as pessoas ficam constrangidas... eu também fico.

Posso aqui dar meu depoimento sobre o senhor como professor. Considero-o meu Mestre, daqueles que faltam hoje em dia nas instituições de ensino, onde não existe mais aquela figura do educador que o senhor é. Educador, título esse que muitos menosprezam, profissão que muitos exercem só para sobreviver, sem possuir o dom, sem ter consciência do que significa ensinar e formar uma pessoa, não só profissionalmente, mas que molda seu caráter, ensina a observar os caminhos da carreira escolhida, a perceber as artimanhas e os espinhos.

Quando foi a primeira vez que assisti uma aula sua? Tinha uns 19, 20 anos, no máximo! Em 1991, deveria cursar a disciplina História do Brasil II, período imperial. Naquele ano, muito provavelmente, o senhor iniciava o projeto do livro sobre Campinas e o curso referia-se ao período imperial. A cidade seria usada como "modelo", espelhando alguns aspectos do que ocorrera nos novecentos. Intelectualmente apaixonei-me. Sim! Paixão! E

a paixão que o senhor demonstra por sua cidade não elimina a objetividade científica da pesquisa. Tanto que, em seu último trabalho, revela não só os cantos, mas tam-

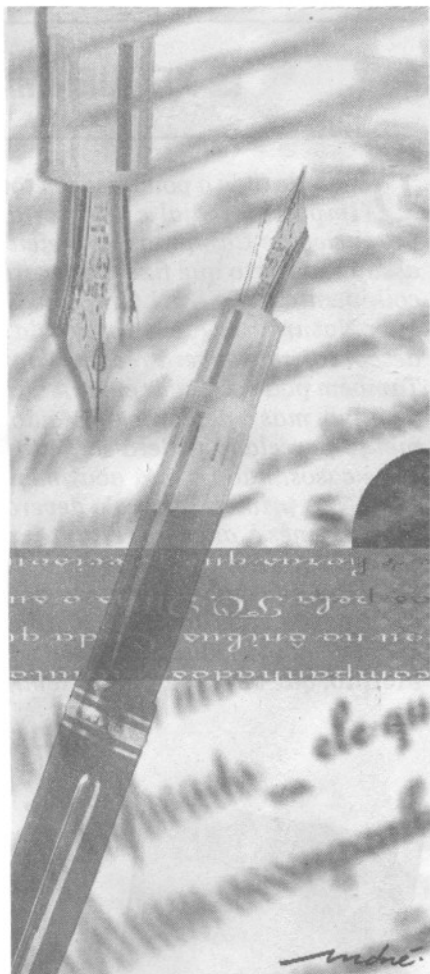
bém os antros de sua – por que não nossa? – Princesa D'Oeste. O curso falava de algo que eu conhecia! Minha cidade e sua história! Fui me aproximando e pedi para conversar. Queria fazer iniciação científica e ser pesquisadora. Calmo – aliás, a calma é uma de suas características; se um dia chegou a gritar, não sei, nunca ouvi – com um tom sereno e pausado, fizemos nossa primeira reunião. O senhor me apresentou – lembra-se, professor? – uma lista, que guardo comigo até hoje, de temas que poderiam ser estudados e, não tive dúvidas! Escolhi o Colégio Rio Branco, uma paixão da juventude.

A paixão que o senhor demonstra por sua cidade não elimina a objetividade científica da pesquisa

Durante mais de sete anos realizamos muitas reuniões nas quais apreendi seu estilo: ao corrigir minha gramática e meus conceitos e ao retocar uma palavra aqui ou uma expressão ali, eu ia percebendo que minhas frases ganhavam outro brilho. Discutíamos – sim, discutíamos amistosamente – as idéias, a bibliografia e também o estilo, e o mestre, de maneira calma, imperceptível até, ia me exigindo cada vez mais, sem que eu percebesse. Não havia metodologia melhor ou pior, bibliografia correta ou mais apropriada. Tudo deveria ser experimentado! Durante as reuniões, o que não me auxiliaria mais diretamente para a pesquisa não era simplesmente descartado, mas armazenado como que num arquivo intermediário, para ser utilizado em outra ocasião. Aos poucos, só me dei conta tempos depois, seu jeito de escrever impregnou o meu e, até nisto, guardo a marca de sua orientação!

Recordo-me de que, muitas vezes, nos reuníamos à moda de Aristóteles, de maneira peripatética, caminhando pelo campus, entre uma e outra reunião a que deveria comparecer. E mesmo assim, sem "perder o pique", o senhor conseguia prestar atenção às minhas dúvidas e anseios, marcava nova reunião e dirimia minhas preocupações. Compartilhávamos idéias, como se a única diferença entre a sua experiência e a minha inexperiência fosse apenas a leitura de alguns livros a mais. Afinal, o educador não é aquele que nos trata como iguais, respeitando nossa individualidade, nossos limites e nossas preferências, fazendo-nos crescer aos poucos, impercepti-

Se não lemos seus livros, com certeza precisaremos retornar a eles em algum momento de nossa trajetória



velmente? O mestre não caçoa, não ri, não menospreza. Quando demonstrava meus avanços, o senhor se entusiasmava. Quantos educadores – se é que podemos chamá-los assim – hoje em dia, vibram com as conquistas de seus alunos, desde as mais simples, como resolver um problema de matemática, até a elaboração de uma pesquisa acadêmica?

Tive o prazer de viajar, a serviço, para algumas localidades deste nosso país continente. Seu nome é reconhecido nos quatro cantos. Seus ex-orientados espalham-se por toda parte e, hoje, são também professores universitários. Espero que tenham levado com eles um pouco de suas recordações e de seus ensinamentos, os mesmos que carrego comigo e me orientam nas horas de dúvidas e receios, que me acalmam e esclarecem. Certamente, seu nome consta das listas de bibliografia de vários cursos, as-

sim como o senhor, em suas aulas, nos indicava obras de outros autores sobre os mais variados temas da história do Brasil. Se não lemos seus livros, com certeza precisaremos retornar a eles em algum momento de nossa trajetória como professores ou pesquisadores. Ouso dizer que estão se tornando clássicos, assim

como os de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre – que me perdoem aqueles que consideram estes senhores ultrapassados. Será que poderiam ter feito melhor em sua época, período em que

os estudos e as pesquisas no Brasil estavam apenas começando e destinavam-se, quase que exclusivamente, às classes abastadas? Entendo-os como clássicos, porque iniciaram as pesquisas a partir das quais pudemos avançar até o que conhecemos hoje em dia. O senhor, professor Lapa, também é – e assim o considero – um desses desbravadores, tendo elaborado sua pesquisa numa época em que os arquivos ainda eram meros depósitos de papéis velhos mal organizados.

Como posso falar de alguém que me evoca sentimentos sinceros de agradecimento? O senhor acreditou em mim! Acreditou que eu poderia seguir adiante! Sua ajuda para aqueles que o procuram é semelhante à da professora do quarto ano primário que nos auxiliou, pela primeira vez, a desvendar os mistérios do mundo: os rios do Brasil, as ilhas do estado de São Paulo, a história de Campinas, o período imperial, a micro-história... Podemos, até, nos lembrar daquele avô carinhoso, sempre a nos infundir confiança, ensinando-nos a caminhar pela vida de uma maneira firme mas meiga, com uma palavra amiga e um doce no bolso para nos compensar!

Deus o abençoe, professor Lapa!

Andrea Mara é doutoranda em História Social na USP e teve seu mestrado orientado pelo professor Amaral Lapa